

# A CHRYSALLIDA

Orgam do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 11

Cuyabá, 1.º de Outubro de 1926

ANNO I

## O Carácter

Diriam os insensatos: o maior apanagio da mulher é a formosura e do homem — a força.

Dirão os sabios: o maior merito da mulher é ser virtuosa e do homem ter caracter.

A formosura é materia defor mavel, susceptivel, mortal; a força é barbara e sempre impotente deante da consciencia.

Se a força é o mais rico attributo do homem, mais do que elle valle um motor de 5 cavallos

A mulher virtuosa é a mulher luminar, divina e que de joelhos chamamos Virgem Santissima.

O homem de caercter é o mais rico, o mais forte, o mais veneravel. Sobre a força está a verdade; sobre a gloria está a vergonha; sobre o talento está a bondade.

Meteu-se um dia na officina do espirito a verdade, a vergonha e a bondade; alguém forjou, bigornou os tres e sahio dahi esse metal poderoso: — o aço do caracter.

O mentiroso é um bandido; o cynico é um degenerado; o perverso é como um cancro fetido que envenena e dilacera.

Amar a verdade é amar a Deus; amar a vergonha é amar a si propria; amar a bondade é amar aos outros. Eis a grande religião, eis o sublime viatico do amor distribuido por todós, em particulas cheias de eternidade.

A formação do caracter deve principiar onde começa a razão.

As luzes que passam através de nós quando creanças, projetam-se no nosso futuro num campo muito mais consideravel, as-

sim como um fóco de lanterna magica sobre uma tela de cinematographo.

As sombras que entram no peito de um menino, cream-lhe borrões de treva no coração, que difficilmente se conseguem apagar.

A arvore que cresceu torta, quem a pode endireitar?

O caracter que se desenvolveu com as sinuosidades do erro, quem o fará altivamente recto?

Moços! Colloquemos desde cedo o nosso caracter nas fórmulas de bronze dos exemplos que nos legaram os grandiosos nomes da historia!

Envergonhemo-nos dos homens que são traçoeiros, hypocritas, mentirosos e cobardes; odiemos com este odio divino do mal aos politiqueros venaes e corruptos, que põem a honra a premio nas bancas de jogo do interesse; combatamos esses espiritos mãos cheios de garras aduncas e assassinas, que roubam, que intrigam, que calumniam, que desmoralisam!

Sejamos sinceros e leaes, zeladores do dever e da honra, prodigos do bem, da caridade e da fé; scientes, embora, de que nos coroarão muitas vezes de espinhos, para depois termos reluzindo na frente, do proprio sangue e das lagrimas que vertemos, a aureola zodiacal dos triumphadores, o nosso nome escripto entre o dos eleitos e a nossa memoria sempre venerada como a daquelles que souberam ser grandes pelo sentimento e pelo coração!

Déo

## PEDACINHOS D'OIRO

### A Mulher

(Segundo F. Hugo)

A mulher que foi a perdição para o pae Adão, para Sansão a morte e para Salomão uma vingança; é para o medico um corpo, para o juiz uma ré, para o pintor um modelo, para o poeta uma flor, para o militar uma camarada, para o padre uma tentação, para o enfermo uma enfermeira, para o romantico uma heroina, para o versatil um joquete, para o gastronomo uma cosinheira, para a creança um colço e para o noivo um desejo.

Gravae na vossa lembrança  
E meditae com horror,  
Que o homem sae da creança  
Como o fructo sae da flor.

Da pequenina semente  
Que a escola regia destroe,  
Pode fazer-se igualmente  
Ou o assassino ou o heróe.

Vamos, arrancai a infancia  
Da lama deste paul;  
Rasgae no muro Ignorancia  
Trezentas portas de azul!

(Guerra Junqueiro)

## Desillusão

A noite descia lentamente o seu manto negro.

Um silencio profundo invadia a terra, interrompido apenas pelo ramalhar dos arbustos confundido com o sussurar de um limpido regato. Pouco a pouco scintillaram no ceu as estrellas. Numa collina, lá pelas bandas do Occidente, onde tudo era motivo para as inspirações poeticas e artisticas, erguia-se uma humilde choupana, que era habitada por uma octogenaria e sua joven filha. O nome desta era Yolété. Yolété estava apenas 15 primaveras. Havia perdido ha dois annos o seu heroico pae que tantos servicios prestou na celebre guerra do Paragnay, na qual pelos seus feitos de bravura elevara-se de posto, ganhando tambem uma medalha de ouro. Ella era dotada de uma incomparavel belleza angelical. Clara como a neve que se congela nos polos, ella tinha as faces carmesins, os olhos azues como o firmamento. A sua madeixa encaracolada era loira como o trigal que circumdava a sua hospitaleira casa. Seus pequenos labios eram como o rubi banhado por pingos d'agua; enfim Yolété tinha os traços tão delicados, que so um Murillo poderia pintal-os. Yolété modesta como a violeta, meiga como a myosotis, era noiva de um celebre gaúcho. Nessa noite ella, graciosamente vestida de um azul celeste, estava assentada num rustico banco de pedra ao pé da choupana, á espera do noivo. Um branco jasmizeiro espalhava o suave perfume das suas flôres. Sua mãe assentada n'uma alvinitante rede, n'um canto da sala fiava na sua roca. Todas as noites Yolété e o seu noivo sentados naquelle logar, trocavam entre si as juras de amor. Esse dia elle estava tardando. Eis que de repente uma montanha de nuvens espalha-se dando passagem á meiga lua, que veio dar maior poesia áquellas paragens, espalhando-se num crystallino lago. Fresca brisa põe em desalinho os caracões loiros de Yolété. A bella deusa

## In summa aqua

*O mar da intriga brame encapellado,  
Agita o o cataclysmo do despeito;  
Ruge qual o leão atormentado,  
Da misera paixão no espaço estreito.*

*Féro, ergue ao ar o dorso recurvado.  
Tenta engulir num horrído tregento  
De raiva, de ambição, de desenfado,  
Os que trom os sonhos do seu peito.*

*As ondas a mal vão se acalmando,  
As nuvens no alem se dispersando...  
Finda-se á indecorosa tempestade.*

*As aguas oscillando brandamente,  
Deixam notar á tona da corrente,  
A bonançosa espuma da verdade.*

*Celso d'Oliveira.*

contemplava extasiada as phantasticas formas que o luar dava aos objectos. De subito ouvi de dentro do trigal um estampido. Corre assustada para ver o que havia acontecido, quando depara com um corpo aos seus pés. Quem será meu Deus? exclamou. Examinando o corpo reconheceu ser o de seu noivo. Um grupo de salteadores havia assassinado o ente a quem ella havia consagrado o seu puro amor. Nada mais restava á pobre Yolété, sem ser a sua pobre mãe que sentada na sua alvinitante rede lavrada, fiava na sua roca.

*Violeta do Prado.*

Atophan, Nitrogenol, Celaco-  
ca, Nutron, Pilulas Blancard,  
Izoemol, Xarope thiocol, alcaçus,  
Emulsão Scott, Antiechymosis  
Faral, Vinho de Gayacol, Vi-  
nho creusotado, Elixir de Inha-  
me e Nogueira Encontra-se na  
**Pharmacia Rabello.**

## O que é o sonho

Para mim não existe prazer que se compare com as illusorias sensações do sonho.

Sonhando, sinto-me senhor dos encantos da natureza.

Elle me conta os segredos da Andaluzas, das sultanas, etc.

O que ha melhor do que o sonho?

Nada! Não esses sonhos malditos, que encuteem terror, mas, os puros, innocentes e de anhelantes caricias.

E' nesse momento supremo e inolvidavel que o nosso espirito vagueiam, qual solitario phantasma, pelos jardins das Antilhas, dos sultões e dos rajahs da India, onde existem as mais preciosas e raras flôres do mundo.

Oh! se o sonho durasse sem nunca mais findar! Mas as horas passam ignoradas... Oh! quando me sinto ditoso neste momento abençoado... Sonhei ha dias, que nos esplendores de uma noite de luar, descia o Si-

nai, coberto de flôres e glorias, soluçando na lyra afinada de David hymnos de amor. N'outro dia sonhei, que estava adormecido ao luar no leito da rainha do Sabá, coberto de flôres e orvalho, qual jaguar nos juncaes floridos, deixando fugir do coração ardentes anceios. Não como haschich nem perna de porco nem tão pouco fumo opio, porque se assim fosse, o meu sonho seria fatal.

Creio que vivo para sonhar. E' este o meu dom natural. Mas o sonho me faz bem, porque me dá ao coração sensação de prazer.

Ambrosio.

## REMINISCENCIAS

Ao nobre amigo e distincto collega  
A. Molina.

Do meu triste e solitario aposento de estudante, aproveitava os meus raros momentos de lazer, apreciando o movimento nocturno da vetusta metropole brasileira.

A multidão apressada, volve agora a attenção, para um velhinho, que curvado, coberto de cans, executava com sentimento e maestria rara, uma valsa antiquissima.

Ao ouvir o som do violino parecia ver num sala de baile do XVIII seculo, as damas e os cavalheiros rodopiando com trejeitos.

A musica se extinguiu docemente e com a sua extincção, voltei-me bruscamente á realidade. Qual é o nome desta valsa, meu velho? perguntei-lhe em —S. venirs, nhônhô. Gostou? Pois eu, gosto muito della, porque faz-me recordar a mocidade.

Tocai-a outra vez, disse-lhe, ao mesmo tempo que lançava uma moeda em sua sacco de mendigo.

Empunhando o arco, de novo o velhote fez, do seu violino, sahir as mesmas notas dulcissimas.

Senti-me, então transportado para a minha cidade natal, vindo-me então á lembrança um dos mais importantes factos da minha vida: o meu primeiro amor. Com que amargura não recor-

dei aquella ditosa epocha! Que emoção me apertou o coração ao lembrar-me desse trecho de minha vida!

Ella, loura, alva, era o typo perfeito de uma franceza.

E senti-me transportado para uma pequena chacara dos arredores de minha cara cidade natal.

Reconstrui a scena da minha chegada. A apresentação e tudo o mais... podeis advinhar, caro leitor, pois já bem deveis conhecer o que acontece a dous jovens, na flôr da idade, ambos aquecidos pelo calor de dois pares d'olhos procurando-se mutuamente.

E o resto foi um sonho.

Os encontros furtivos. As palavras trocadas á surdina á ja nella, enquanto assistiamos o subir glorioso da rainha da noite e protectora dos amantes.

E tudo isto, leitores, passou-se em 8 dias apenas.

Com effeito, 8 dias após o 1.º encontro, eramos como antes dessa saudosa hebdoma, e tudo por causa do... (advinhem) crime mutuo.

Mas, a musica extinguiu-se lentamente e uma ficção encrenada de anatomia me obrigou a largar de recordações, pois, embora digam que:

Recordar é viver na vida, não sera plausivel desculpa para não ter um 10 por não ter dado a minha ficção.

P. F.

## LIVRARIA S. Sebastião

Rua 15 de Agosto 8

E' o estabelecimento que tem sempre em stok todos os livros adoptados no Lyceu Guyabano, na Escola Normal e nos Grupos, bem como os demais artigos escolares

Procurem de preferencia esta Livraria

## A morte da Justiça

Ha uma serie de primaveras que resido no mundo, e até agora ainda não tive o supremo desejo de conhecer cabalmente essa mulher indefinível que se chama justiça. Não sei por conseguinte, os caracteres que a exornam; mas, segundo as tradições, a justiça deve ser branca e cega de um olho, se não for de ambos. Em se tratando de uma pessoa de certa distincção e ao mesmo tempo, tão allada, seria justo, que despertasse em mim, como ainda desperta, o curioso anhelto de conhecer a justiça, sobre qualquer ponto de vista moral ou material através dos seus feitos, embora exercidos como de direito, na mais simples e apagada creatura.

Infelizmente, porém, até a presente data, não tenho e talvez não terei nunca a minima satisfação de ver realizado este desejo que me acompanha desde o momento em que me entendi por homem.

A justiça que para mim foi sempre apenas uma figura extranha completamente desconhecida, não existe. E se existisse já teria sido como outras tantas cousas degolada impiedosamente pelos vampiros dos seculos passados. A justiça verdadeira e perfeita, esse symbolo sagrado e altruistico morreu como o cordeiro do Omnipotente. De então para cá, ficou tão somente sobre a face da terra uma simples chimera, uma ficção eterna que os homens criminosamente chamam de justiça. A justiça morreu para todos os paises do mundo, desde as epochas remotas dos nossos avoengos. E para justificar esta verdade não é necessario revolver as cinzas do passado, bastam os factos actuaes: a guerra, a decadencia moral, as miserias que todos nós atravessamos nesta vida ingloria, onde são predominaes o grande, o orgulho, o desgoverno, o crime e a falta de caracter.

Só o que nos resta para melhor completar esta comedia em que vivemos é a morte da verdade. E quiçá se amanhã a verdade não terá, como a justiça, o mesmo tragico fim?

Galileu Lara Pinto.

# A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

## PLANICIE MORTA

A mortalha da natureza é negra.

A planicie geme e chora á falta das chuvas copiosas nessa hora de cansaço e languidez em que do solo requeimado e sedento desprende-se incandescente e subtil vapor.

Por toda a parte-mudez e soffrimento. Nem flôres nem fructos.

Somente a morte sorri em torno dos cadaveres dos troncos e na selva longinqua a aragem executa os canticos funebres do grande sacrificio, na harpa eolea da natureza.

Por entre as folhas do jequitibá robusto que resistira ao fogo destruidor, aves vêm gemer sentidas, as perdas dos seusinhos e os queixumes plangentes dos seus peitos feridos, uicamente quebram o silencio da planicie desfallecida.

Tomba a noite e maior é a tristeza.

A jurity suspira e os arrulhos sentimentaes do seu peito pequenino trazem uma nota de magua e recordação dos dias saudosos do passado

Escurece e a terra soluçando conta ao céu constellado suas dôres e lhe implora o balsamo salutar que ha de alliviar o seu seio ferido

A. Molina.

## Perfil

N. C.

Leitor amigo, agora que acabastes de lêr as outras varias d' "A Chrysalida", vinde armar equações para descobrires o incognito que sorratamente foi apanhado pelo nosso reporter PHOTOGRAPHO - AMBULANTE.

Nome.—Seu nome é o daquelle sabio e guerreiro..

Apparencia extrayagante.—Bobo da Côte de Francisco I.

Physico—Moreno, pescoco cur-

to, baixote, sympathico, tagarela, chistoso, futebolista de ESCOL.

Costumes — Acompanhar os seus cumprimentos a mistos dos d' e um quê de sorriso sarcastico, apparecer em publico com o *cardo* barbado, usar uma XARQUE. desenbuxar DOIS MIL REIS para bailes e na hora ficar sentado num cantinho, pronunciar L por R e vice-versa; enfim frequentar com assiduidaderara a Universidade...

Obras a publicar—As GALDINADAS, que é o manancial onde poderemos conhecer as suas aventuras amorosas e *cajuaticas*, as quaes constituem o resultado das leituras de romances de todo o genero que é a occupação do *perfilado*. Sonetos *sui generis*: "Minha predilecta, Porque não gostas de mim?", DESEPERO NUM SAPO, etc. FEITOS HEROICOS: Ir daqui ao Rosario (a pé, montado num cavallo magro) em 10 dias. Não perder bailes, qualquer que seja a distancia e aspecto do tempo. Vender xarque por 2\$500 em Rosario...

Pretensões—Querer desbanear o "Cascudos", com vistas ao Paulino. Ser dentro de 10 annos o Restaurador de Rosario.

Filante, não se achando seguro com suas proprias forças fez sociedade com Sicrano para, juntos, levarem a cabo a dura empreitada de dirigir a secção dos perfis. Disto avisa aos leitores para que não extranhem a melhora nos artigos.

Filante & Sicrano

IRMÃOS MIRAGLIA

Jóias e relógios

Telephone, 244

Rua 13 de Junho 104

## Questões

Illmo. Snr. Redactor-chefe d' A Chrysalida

Tomei a incumbencia de responder as perguntas dirigidas ao 4.º anno, a cuja classe tenho a honra de pertencer, certo de que o leitor benevolo perdoará as imperfeições e laconismo de minha resposta, que outros collegas melhor do que eu poderiam dar.

Os compostos do verbo por são os 27 seguintes:

Appôr, antepôr, compôr, contrapôr, decompôr, descompôr, depôr, dispôr, entepôr, impôr, indispôr, interpôr, indiscumpôr, imd compôr, juxtaopôr, oppôr, prepôr, prepôr, pospôr, repôr, re-compôr, suppôr, setopôr, superpôr, sobrepôr, subpôr, transpôr;

Rolativamente ás invenções tenho a dizer que:

O thermometro appareceu em 1618;

a bayoneta em 1642;

a pistola em 1541;

o telegrapho em 1792;

a guilhotina em 1792;

a lithographia em 1796.

Não me foi possivel, dado a escassez de tempo, responder á 2.ª pergunta. Prometto, entretanto, que para o outro numero remitterei a sua solução.

Sem mais assumpto subscrevo-me.

Benjamin Duarte Monteiro.

No numero passado publicamos um soneto em cuja chave se lê:

*Tremula, ouve entre as flores que a circula*

*Uma voz que esta phrasa lhe articula:*

Ao em vez de:

*Tremula ouve entre as flores que a circula*

*Umaz voz subtis que lhe articulam::* como se deve ler. Espero que todos vós, meus caros leitores, me desculpeis por essa aggressão involuntaria feita á grammattca portugueza e aos vossos ouvidos.

Celso d'Oliveira